

CONHECIMENTO SOBRE A CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA POR ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE LAGO VERDE, MARANHÃO, BRASIL

KNOWLEDGE OF EMERGENCY CONTRACEPTION FOR ADOLESCENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN LAGO VERDE-MARANHÃO, BRAZIL

ANEARLHE CRUZ ALMEIDA^{1*}, ADRIANA CRUZ ALMEIDA², MILLENA RODRIGUES COSTA³, WELLYSON DA CUNHA ARAÚJO FIRMO⁴

1. Enfermeira pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC. Acadêmica do Curso de Farmácia pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC; 2. Enfermeira pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC; 3. Enfermeira pela Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC; 4. Farmacêutico pela Faculdade de Imperatriz-FACIMP. Especialista em Farmacologia pela Universidade Católica Dom Bosco-UCDB. Mestre em Saúde e Ambiente pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Docente da Faculdade de Educação de Bacabal-FEBAC.

* Rua 4 de Novembro, 51, Centro, Lago Verde Maranhão, Brasil. CEP: 65.705-000. anearlhe@hotmail.com

Recebido em 15/04/2016. Aceito para publicação em 17/06/2016

RESUMO

Diante da realidade em que vivemos, podemos perceber entre os adolescentes a relação sexual cada vez mais precoce, desse modo, deve ser direcionada uma maior atenção, visto que a falta de conhecimento de algumas pessoas e os cuidados com a sexualidade e contracepção ainda é uma preocupação para profissionais, familiares e organizações de saúde. Partindo deste pressuposto, este estudo visa destacar a avaliação do conhecimento sobre a contracepção de emergência por adolescentes de uma escola pública de Lago Verde-MA. Os resultados relatam que 27 alunas afirmaram que ainda não utilizaram o método contraceptivo de emergência, e 24 não possuem conhecimento sobre os efeitos colaterais que os métodos contraceptivos de emergência podem causar. Conclui-se diante desse cenário, a importância do conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, principalmente da contracepção de emergência, que é um assunto de suma relevância para os profissionais de saúde, inclusive os enfermeiros, levando em consideração o desenvolvimento da autonomia das adolescentes, o uso adequado dos métodos e a importância de uma vida sexual saudável e segura.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes, conhecimento, métodos contraceptivos, planejamento familiar, gravidez.

ABSTRACT

Faced with the reality we live in, we can see among teens intercourse increasingly early, thereby, greater attention should be directed, as the lack of knowledge of some people and the care with sexuality and contraception is still a concern for professionals, family members and health organizations. Under this assumption, this study aims to highlight the assessment of knowledge of emergency contraception for adolescents from a public school in Lago Verde-MA. The results reported that 27 students said they have not been using contraception emergency, and 24 have no knowledge about the side effects of emergency contraception can cause. The conclusion in this scenario, the importance of knowledge about contraceptive methods,

especially emergency contraception, which is a matter of paramount importance for health professionals, including nurses, taking into account the development of the autonomy of adolescents, the proper use of methods and the importance of a healthy and safe sexual life.

KEYWORDS: Adolescents, knowledge, contraceptive methods, family planning, pregnancy.

1. INTRODUÇÃO

A contracepção por parte das mulheres já vem de vários séculos, onde escapavam constantemente da gravidez praticando a contracepção por conta própria. Tradicionalmente e até os dias de hoje algumas delas costumam encarar esse assunto com mais responsabilidade, mantendo um controle eficaz da concepção, permitindo assim, sua emancipação e participação no mercado de trabalho^{1,2}. Entretanto, a influência exercida pelos homens sobre as respectivas companheiras, ainda é notória na sociedade brasileira, principalmente em algumas comunidades do interior do país, onde as mulheres continuam dependentes, cultural e economicamente, de seus companheiros³.

Geralmente quando o assunto é método contraceptivo, pode-se incluir neste âmbito o planejamento familiar, que é um dos direitos assegurados pela própria Constituição Federal em nosso país, no entanto, ainda é grande a ocorrência de mulheres com um grande número de filhos, originários de uma gravidez não planejada, mostrando, portanto, que nem todos realmente utilizam ou têm conhecimentos acerca destes assuntos. “O número, ou espaçamento entre a gestação e a escolha do método anticoncepcional mais adequado, são opções que toda mulher deve ter o direito de escolher de forma livre e por meio da informação sem discriminação, coerção e vio-

lência”⁴.

Em 1999, passou a ser disponibilizado no mercado brasileiro na forma de dose única, com apresentação em dois comprimidos de levonogestrel disponíveis em farmácias de todo o país, mediante apresentação de receita médica (exigência não cumprida na prática cotidiana desse setor comercial). O Ministério da Saúde iniciou sua aquisição em 2000, distribuindo-a, inicialmente, em serviços de atendimento à mulheres vítimas de violência e, logo em seguida (2002), como item dos contraceptivos disponibilizados aos municípios pelo Programa de Planejamento Familiar⁵.

O uso de métodos contraceptivos tem aumentando no Brasil nos últimos anos e, juntamente com eles, o uso da contracepção de emergência, a qual previne a gravidez após a relação sexual desprotegida e consta nas Normas de Planejamento Familiar do Ministério da Saúde, desde 1986, como um método passível de utilização em casos de relações sexuais de risco, sem utilização de método anticonceptivo, possível falha no método utilizado ou em estupros. Sendo a pílula do dia seguinte uma opção pós-relação sexual poderia estimular o sexo sem proteção e com isso o seu uso indiscriminado, lembrando que a taxa de falência do método também aumenta quando o período de utilização é menor que um ano⁶.

A adolescência caracteriza-se como uma fase de transição e mudanças, abrangendo transformações biológicas e psíquicas, dentro de um contexto sociocultural. Tal desenvolvimento possibilita a maturação da capacidade reprodutiva do indivíduo, iniciando a vida sexual e dando continuidade à construção da subjetividade. Esta fase é vista também como uma etapa da vida, na qual as principais características da personalidade estão sendo consolidadas⁷.

Podem ser classificados em métodos naturais, métodos de barreira, métodos hormonais, dispositivos intrauterinos medicados e não medicado e esterilização feminina e masculina, onde no Brasil os mais utilizados pelas mulheres são a esterilização e os métodos anticoncepcionais orais⁸.

O planejamento familiar é uma atividade que diz respeito não somente ao casal que o pratica, pois tem implicações sócio-demográficas. Dentro da área médica, é uma das mais importantes atividades preventivas, sendo seu objetivo principal proporcionar aos casais e, em particular, às mulheres as informações e os meios necessários para que possam decidir o número de filhos que desejam e quando querem tê-los, de forma consciente e voluntária. Planejar o tamanho da família, o número de filhos desejados e o espaçamento entre eles são direitos de cada indivíduo⁹.

No contexto dos direitos reprodutivos, a liberdade de escolha é fundamental na área da regulação da fecundidade. Para optar por um método contraceptivo de forma livre e informada, as mulheres precisam conhecer e ter

acesso a todos os métodos anticoncepcionais cientificamente aprovados e disponíveis, escolhendo aquele que seja mais adequado às suas características e às suas condições de vida em cada momento¹⁰.

A assistência em anticoncepção pressupõe a oferta de todas as alternativas de métodos contraceptivos aprovados pelo Ministério da Saúde, bem como o conhecimento de suas indicações, contraindicações e implicações de uso, garantindo à mulher, ao homem ou ao casal os elementos necessários para a opção livre e consciente do método que a eles melhor se adapte¹¹. Para contribuir com essa livre escolha é necessário ter um clima de confiança, para isso é imprescindível que tenha uma boa interação entre informante-paciente na troca de informações¹⁰.

A análise do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, na maioria dos estudos disponíveis, é feita de maneira muito subjetiva, não incluindo o modo de usar, os efeitos colaterais, as indicações e contraindicações dos mesmos. Isso pode produzir uma interpretação não verdadeira do grau de conhecimento sobre prevenção de gravidez que os adolescentes possuem e assim, enviar a avaliação da influência do conhecimento sobre o uso de métodos anticoncepcionais¹².

O acesso à informação de qualidade e a disponibilidade de vários métodos contraceptivos são aspectos importantes nos programas de planejamento familiar, direcionados não apenas aos adolescentes, mas à população em como um todo. O conhecimento inadequado sobre qualquer método anticoncepcional pode ser um fator de resistência à aceitabilidade e uso desse método¹³.

Existe uma variedade de situações em que a contracepção de emergência é indicada, dentre elas, na ocorrência de violência sexual, na ruptura acidental de preservativo ou diafragma, na expulsão do Dispositivo Intrauterino (DIU), quando há falhas na ingestão de duas ou mais pílulas anticoncepcionais de progestogênio, no atraso menstrual há mais de duas semanas para usuária de acetato de medroxiprogesterona e relação sexual no período fértil em casais que utilizam os métodos de abstinência periódica. E como contraindicação, suspeita ou confirmação de gravidez¹⁴.

O interesse por este tema veio da curiosidade de saber o nível de conhecimento das alunas adolescentes sobre os métodos contraceptivos de emergência, principalmente da contracepção de emergência (pílula do dia seguinte).

Nesse sentido, considera-se que o profissional de enfermagem deve reconhecer diante dessa situação, a necessidade de aprimorar esse assunto em diversos espaços da comunidade, com o intuito de desenvolver a autonomia não só das adolescentes, mas de todas as pessoas sobre o comportamento sexual.

Sendo assim, esperou-se com a pesquisa, avaliar o conhecimento das alunas adolescentes que compõem o

1º, 2º e 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Lago Verde-MA sobre a contracepção de emergência, contribuindo através das informações obtidas e mostrar a importância de uma vida sexual saudável e segura.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, de natureza quantitativa. A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino John Kennedy, localizado na rua Senador Sarney, s/n, bairro centro, no município de Lago Verde-MA.

Lago Verde é um município pequeno fundada em 29 de Novembro de 1961, composto de 15.412 habitantes com uma área correspondente a 623,237 Km².

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário elaborado com 20 perguntas fechadas com o intuito de dar acesso às informações necessárias sobre a percepção do método de contracepção de emergência.

A população que participou foi constituída de 100 alunas adolescentes que compõem o 1º, 2º e o 3º ano do ensino médio de uma escola pública.

Os critérios de inclusão foram as alunas adolescentes que aceitaram participar voluntariamente do estudo e que fossem assíduas e não apresentarem déficit cognitivo e estarem presentes no momento da aplicação do questionário.

Foi aplicado um questionário com entrevista estruturada e foram respondidas pelas alunas onde a partir dos dados obtidos foi feita uma análise sobre o nível de conhecimento das alunas adolescentes sobre os métodos de contracepção de emergência. A investigação desenvolveu-se no período de agosto a outubro de 2013.

Após coletar os dados, foram analisadas as respostas, agrupadas, organizadas e tabuladas em gráficos e tabelas utilizando os programas, Microsoft Office Excel® 2007 e Microsoft Office Word® 2007.

A realização desse estudo levou em consideração os preceitos éticos da Resolução nº 466/12¹⁵. Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos da pesquisa e solicitada a permissão para uso de suas informações garantindo-lhes o anonimato e o direito de afastar-se se assim julgassem necessários.

3. RESULTADOS

A amostra do referido estudo foi de 100 (cem) alunas do ensino médio de uma escola pública no município de Lago Verde-MA. Todas as entrevistadas consentiram a divulgação dos resultados neste trabalho científico.

Na Tabela 1, observa-se um maior percentual das alunas com faixa etária de 16 anos com 36 (36,0%), enquanto que 14 (14%) disseram ter 14 anos, 17 (17%) responderam ter 17 anos e 33 (33%) afirmaram ter 15 anos.

É normal que a faixa etária predominante seja de 16 anos, pois a maioria das adolescentes que cursam o ensino médio varia de 16 a 17 anos.

Tabela 1. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo a idade, raça, situação conjugal, religião e a renda familiar das entrevistadas.

Idade	Nº	%
14 anos	14	14,0%
15 anos	33	33,0%
16 anos	36	36,0%
17 anos	17	17,0%
Total	100	100%
Raça	Nº	%
Branca	21	21,0%
Parda	64	64,0%
Preta	15	15,0%
Amarela	0	0,0%
Indígena	0	0,0%
Total	100	100%
Situação Conjugal	Nº	%
Solteira	90	90,0%
Casada	10	10,0%
Divorciada	0	0,0%
Viúva	0	0,0%
Total	100	100%
Religião	Nº	%
Católica	63	63,0%
Protestante	14	14,0%
Outras	15	15,0%
Nenhuma	8	8,0%
Total	100	100%
Renda Familiar	Nº	%
< 1 salário mínimo	68	68,0%
1 a 2 salários mínimos	22	22,0%
> 3 salários mínimos	10	10,0%
Total	100	100%

Fonte: Autores (2013).

Quanto ao questionamento sobre a raça das alunas, pode notar-se na Tabela 1, que a maioria delas tinha a raça parda com o percentual de 64% (64), enquanto 21% (21) afirmaram ser de raça branca e 15% (15) de raça preta.

Quanto a situação conjugal na Tabela 1, 90 (90%) das entrevistadas informaram serem solteiras, 10 (10%) e afirmaram ser casadas.

A situação conjugal das entrevistadas é importante para a pesquisa, já que as mulheres casadas são as que geralmente possuem parceiros fixos e apresentam maior preocupação com o uso dos métodos contraceptivos, não descartando a possibilidade das mulheres solteiras possuírem também.

Verificou-se que o fato de termos um grande número de entrevistadas solteiras não garante que estas tenham pouca atividade sexual, assim como também não quer dizer que tanto estas quanto as casadas possam ter mais ou menos possibilidades de engravidar. A ocorrência da gravidez não planejada se deve principalmente por conta da falta de conhecimento sobre os métodos contraceptivos, a ausência do seu uso e/ou o uso incorreto destes, incidindo no insucesso da prática do planejamento familiar¹⁶.

Com estes dados, podemos considerar que a classe entrevistada, em sua maioria, não esteja envolvida em relações de complexidade elevada e isso pode ser considerado como um fator positivo, pois a adolescência é uma fase de descobertas e de transformações. Não é indicado que nesta fase a adolescente limite-se apenas a convivência amorosa, pois o casamento nesta idade torna-se impróprio, devido à falta de conhecimento e de preparo sexual e psicológico, o que consequentemente poderá causar transtornos futuros e prejudicar na sua vida profissional.

Sobre a religião, mostra-se na Tabela 1 que a maioria, ou seja, 60 (63%) das entrevistadas afirmaram praticar o Catolicismo, 14 (14%) disseram que são Protestantes, 15 (15%) ressaltaram que são de outra religião e 08 (08%) informaram não praticar nenhuma religião.

A religião tem sem dúvidas, influência na moralidade sexual brasileira, pois certas religiões não permitem o uso dos métodos contraceptivos, principalmente os de emergência, sendo considerados para eles métodos abortivos.

Perguntadas sobre a renda familiar, 68 (68%) das entrevistadas informaram ter menos de um salário mínimo, por ser uma escola pública, é normal que a renda familiar das entrevistadas seja baixa, 22 (22%) referem renda familiar de um a dois salários mínimos e 10 (10%) afirmaram ter mais de três salários mínimos.

Estes resultados sustentam a ideia de que os indivíduos com esta condição econômica, possivelmente, terão acesso às informações de maneira inferior àqueles que mesmo com a mesma idade façam parte de uma classe

social de renda elevada.

Tabela 2. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo a ocorrência e a idade da primeira relação sexual das entrevistadas.

Ocorrência da primeira relação sexual	Nº	%	Idade da primeira relação sexual	Nº	%
Sim	36	36,0%	14 anos	7	19,4%
			15 anos	13	36,1%
			16 anos	3	8,4%
Não	64	64,0%	Não responderam	13	36,1%
TOTAL	100	100%	TOTAL	36	100,0%

Fonte: Autores (2013).

A respeito da ocorrência da primeira relação sexual, a Tabela 2, demonstra que a grande maioria, 64 (64%) afirmaram que ainda não tiveram relação sexual e 36 (36%) tiveram relação sexual com idades de 14 anos (19,4%), 15 anos (36,1%) e 16 anos (8,4%).

Estudos revelam que a faixa etária mais frequente para iniciação das práticas sexuais está entre os 15 ou 16 anos. Estes índices podem ser explicados pelo estilo de vida moderno bem como pelos fatores do meio ambiente e da mídia que os jovens estão expostos¹⁷.

A iniciação sexual não se restringe apenas a primeira relação. Essa prática está relacionada a um longo percurso que estes jovens atravessam, permeado por carícias íntimas, descobrimento gradativo de seu próprio corpo e do corpo do parceiro, conversas, dúvidas e medos, descobertas de sensações e sentimentos novos. Tal experiência mostra-se continua no aprendizado, embasada na experimentação das várias dimensões da sexualidade¹⁸.

A Tabela 2 comprova que a maioria das alunas entrevistadas ainda não teve relação sexual, sendo isso um ponto positivo, pois a relação sexual quando iniciada muito cedo, pode ocasionar sérios problemas, inclusive uma gravidez não desejada. A adolescência é uma fase de descobertas, principalmente do nosso corpo e é viável que não aconteça o ato sexual nessa idade.

Este resultado não descarta a necessidade de acompanhamento e orientações à classe adolescente e a necessidade de informações nunca é considerada demais.

A prática sexual entre adolescentes é ampla e deve ser considerada. Pesquisa amostral, realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) com este público, revelou que 33% já havia tido relações, 13% já tinha filhos, e 16% já havia engravidado, 29% destes, sem dar continuidade à gestação¹⁹.

O exercício da sexualidade representa para as jovens uma possibilidade de construção de sua identidade adulta, com estas considerações, é essencial conhecer a idade do início do ato sexual dos adolescentes, para que seja possível se promover por meio de ações e práticas a

promoção da vida reprodutiva dos adolescentes, induzindo os mesmos a uma vida sexual saudável e segura. Esse resultado é semelhante e o constatando em sua pesquisa já mencionada, que a grande maioria dos escolares, entre escolas privadas (81%) e públicas (71%), não tinham iniciado as relações sexuais¹².

■ Prevenir a gravidez ■ Prevenir DST's ■ Proteção durante as relações

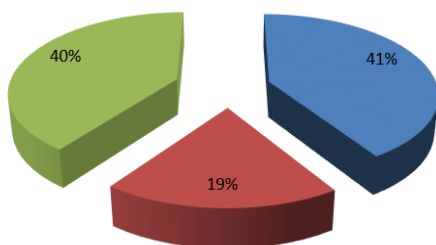


Figura 1. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo o uso dos métodos contraceptivos pelas entrevistadas. **Fonte:** Autores (2013).

Na Figura 1, quando perguntadas sobre para que era a finalidade dos métodos contraceptivos, 41% (41) responderam que é um método que previne a gravidez, 40% (40) afirmaram que é um método de proteção durante as relações sexuais e 19% (19) informaram que os métodos contraceptivos são utilizados para prevenir as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's).

Apesar de bem informadas, a maioria sai de casa desprevenidas, o que pode resultar em uma gravidez indesejada e até mesmo contrair DST's, pois as adolescentes conhecem os métodos anticoncepcionais, mas não planejam sua relação sexual.

Em concordância com este dado, descreve em sua pesquisa sobre o uso da contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia, constatou que 50% dos alunos enunciaram índice de conhecimento aceitável sobre o conceito correto dos métodos contraceptivos²⁰.

Na Tabela 3 acima podemos observar que estas conhecem vários métodos contraceptivos, sendo que o maior percentual das entrevistadas afirmou conhecer o preservativo masculino 80,0% (80), seguido do preservativo feminino 49% (49) e a pílula do dia seguinte 41,0% (41).

Sendo que o método menos conhecido é o diafragma 2% (2), e 5% (5) afirma não conhecer nenhum dos métodos citados.

Relata que em relação ao índice de conhecimento relacionado ao uso correto dos contraceptivos, os adolescentes ainda sabem pouco sobre o assunto. Essa inadequação do conhecimento sobre os vários métodos anticoncepcionais poderia explicar as falhas no momento de escolha destes métodos por parte dos adolescentes, direcionada na maioria das vezes apenas para a camisinha e a pílula¹².

Tabela 3. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo os métodos contraceptivos conhecidos pelas entrevistadas.

Métodos conhecidos pelas entrevistadas	N	%
Camisinha masculina	80	80,0%
Camisinha feminina	49	49,0%
Pílula do dia seguinte	41	41,0%
Método dos dias padronizados (Tabelinha)	13	13,0%
Diafragma	2	2,0%
Laqueadura	15	15,0%
Anticoncepcional oral	15	15,0%
Anticoncepcional injetável	14	14,0%
Coito interrompido	5	5,0%
DIU	4	4,0%
Vasectomia	10	10,0%
Outros métodos	1	1,0%
Não conhece	5	5,0%

Fonte: Autores (2013).

No entanto, é válido mencionar que o fato das entrevistadas afirmar conhecer algum método, não significa dizer que elas conhecem em sua total funcionalidade, ou melhor, saibam de informações satisfatórias quanto ao seu uso correto, vantagens, desvantagens e eficácia. Aspectos, que obviamente, ajudariam a escolher o método contraceptivo mais apropriado à sua proteção, implicando em uma vida sexual saudável e segura.

Apresentando o mesmo percentual, cita-se a pesquisa sobre os métodos contraceptivos na prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí, que apresentam de maneira geral o preservativo masculino, feminino e a pílula como os métodos contraceptivos mais citados²¹.

O interesse no conhecimento dos métodos contraceptivos, bem como a sua utilização na adolescência, passa a ser cada vez mais reconhecido como necessário, principalmente devido à sua composição numérica, à frequência crescente de gravidez nesta fase da vida, dos acidentes, da violência, do uso de tabaco e outras drogas lícitas e ilícitas, além dos problemas de saúde mental.

Em relação a fonte de informações para conhecer os métodos contraceptivos na Figura 2, percebe-se que a televisão com 22,0% (33), a internet com 17,0% (25), os amigos 17,0% (25) e a escola 17,0% (25) foram as fontes mais citadas pelos adolescentes.

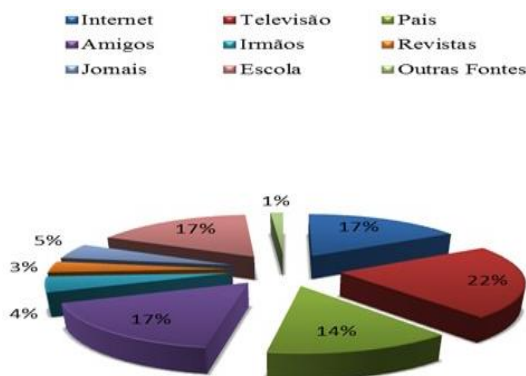


Figura 2. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo a fonte de informações sobre os métodos contraceptivos. **Fonte:** Autores (2013).

Segundo a pesquisa, ainda, é possível se constatar que os jovens convivem mais com os amigos do que com seus pais, pois apenas 14,0 % (21) afirmaram ter como fonte de informação os pais. A família é considerada o alicerce nessa fase de tantas mudanças, sendo que a maioria dos adolescentes não querem compartilhar sua vida pessoal e conversar com seus pais sobre a sexualidade.

Com esse resultado, confirma-se que os meios de comunicação, instrumentos tão presentes na sociedade em que vivemos, são bastante utilizados pelos adolescentes. Este dado preocupa, pois nem sempre as informações obtidas através da mídia ou por amigos são corretas, proporcionando muitas vezes uma informação inadequada.

Diz que o diálogo entre pais e adolescentes sobre sexualidade ainda é bastante restrito, pelo fato de não haver abertura para conversar sobre questões pessoais, íntimas. A dificuldade em procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade está vinculada ao medo de sofrer represálias. Tabus e preconceitos como esses acabam impedindo o indivíduo, de até mesmo buscar e aprender sobre o assunto²².

Realmente, não se pode esperar que as adolescentes compartilhem todas as suas experiências íntimas com os familiares, pois preservar esse espaço emocional de intimidade é fundamental para a construção de sua identidade.

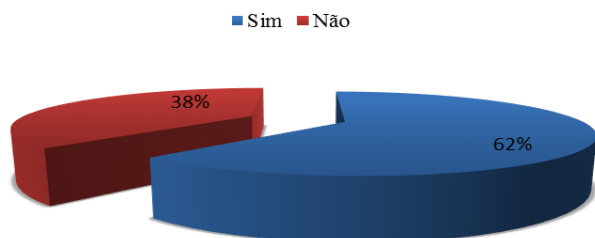


Figura 3. Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto ao fornecimento de informações da escola sobre a sexualidade. **Fonte:** Autores (2013).

Na Figura 3, verifica-se que 62,0% (62) das alunas entrevistadas afirmam que a escola fornece informação sobre a sexualidade.

Em contradição à nossa pesquisa, relata que grande parte dos adolescentes não recebe informações sobre o assunto nas escolas, o que evidencia um alto índice de adolescentes não informados²³.

O autor acima ainda diz que a escola, assim como os pais, tem papel fundamental na educação sexual destes jovens, com as mudanças na estrutura familiar, a escola passa a assumir um forte contexto para o desenvolvimento de uma educação sexual de alta responsabilidade e compromisso com a própria sexualidade.

Nesta parceria, o enfermeiro, poderá executar na escola, junto aos docentes e familiares, um planejamento e execução de palestras explicativas, com ênfase na saúde sexual e reprodutiva dos estudantes²¹.

A escola é a base do desenvolvimento do indivíduo, pois é lá que estão as informações mais precisas e importantes que farão dos alunos indivíduos capazes de planejar seu futuro e consequentemente se preparar para uma qualificação profissional.

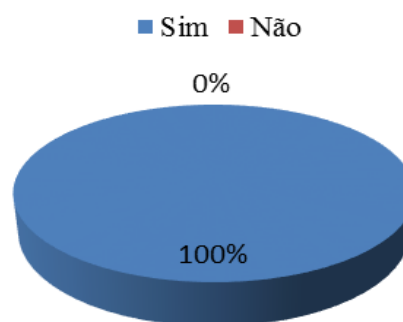


Figura 4. Distribuição dos dados por número e porcentagem sobre possuir relação sexual ativa das entrevistadas. **Fonte:** Autores (2013).

A Figura 4 aponta que todas as adolescentes entrevistadas 100,0% (36), que já tiveram relação sexual já possuem relação sexual ativa.

Este número revela que boa parte dos adolescentes, independentemente de ter ou não conhecimento sobre os métodos contraceptivos, estão praticando o ato sexual com seus parceiros. É por esse motivo que se pode observar os inúmeros casos de doenças e gravidez indesejada.

Afirma que grande parte dos jovens são sexualmente ativos, porém, essas relações são inconstantes na maioria dos casos²⁴.

Entretanto, é interessante que estes indivíduos sejam aconselhados e orientados quanto à proteção em suas relações sexuais, e que tenham além do prazer, responsabilidade em suas atitudes e que se preocupem com sua saúde.

Tabela 4. Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto a possuir parceiro sexual fixo.

Possui parceiro sexual fixo	N	%
Sim	36	100%
Não	00	0,0%
TOTAL	36	100%

Fonte: Autores (2013).

Na Tabela 4, quando interrogadas sobre o parceiro sexual fixo observa-se que 100% (36) das que já tiveram relação sexual afirmam possuir.

É importante ressaltar que boa parte das adolescentes convivem amorosamente com seus parceiros, sendo assim concluímos que a diversidade de parceiros sexuais podem ocasionar danos futuros se o ato sexual não receber condutas de prevenção.

Um dado importante foi encontrado na pesquisa, que averiguando o número de parceiros dos jovens durante 6 meses, constatou que cerca de 70,5% das mulheres preferem a monoparceria, enquanto que os homens ora apresentavam-se sem parceira 24,1%; ora aderiam a multiparceria sequencial ou simultânea 46,6%²⁰.

Tabela 5. Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto ao uso e ao método contraceptivo utilizado pelas entrevistadas.

Uso dos métodos contraceptivos nas relações sexuais	Nº	%	Método contraceptivo utilizado	Nº	%
Sim, em algumas relações	8	22,2%	Preservativo masculino	35	35,0%
Sim, em todas as relações	7	19,4%	Preservativo feminino	3	3,0%
			Anticoncepcional injetável	3	3,0%
Sim, só quando o parceiro esta perto de ejacular	9	25,1%	Anticoncepcional Oral	3	3,0%
Não utilizo	12	33,3%	Coito interrompido	1	1,0%
			Métodos dos dias padronizados (Tabela)	11	11,0%
			Pílula do dia seguinte	9	9,0%
			Outro	0	0%
TOTAL	36	100%			

Fonte: Autores (2013).

Analisando a Tabela 5, constata-se que a maioria das alunas entrevistadas não utilizam os métodos contraceptivos, 33,3% (12) afirmaram o não uso dos métodos, sendo que boa parte das mesmas ainda não praticam relação sexual.

Ainda em referência ao uso dos métodos contraceptivos, podemos observar que 25,1% (9) das entrevistadas disseram que só fazem uso quando o parceiro está perto de ejacular, 22,2% (8) afirmaram que usam em algumas relações e 19,4% (7) afirmaram que fazem uso em todas as relações.

Podemos notar que uma parte bem significativa das entrevistadas se protege de maneira incorreta e somente em algumas de suas práticas sexuais, ficando, assim, desprotegidos e sujeitos as DST's.

No método contraceptivo utilizado o preservativo masculino se destacou com 35% (35), sendo o mais utilizado pelas entrevistadas em suas relações sexuais, e o coito interrompido foi o menos utilizado com apenas 1% (01).

A pouca utilização se outros métodos contraceptivos, além da ligadura tubária e dos anticoncepcionais orais, também têm sido detectados e discutidos por outros autores²⁵.

**Figura 5.** Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto ao conhecimento sobre métodos contraceptivos de emergência pelas entrevistadas. Fonte: Autores (2013).

Na Figura 5 acima, no que se refere ao conhecimento em relação à ação da pílula de contracepção de emergência podemos observar que a maioria das alunas entrevistadas não tem conhecimento sobre os métodos contraceptivos de emergência, apresentando um percentual de 58,3% (21), e 41,7% (15) afirma conhecer esses métodos.

Esta falta de conhecimento é vista também em jovens portugueses, em que 89,5% da amostra demonstraram não ter conhecimento efetivo sobre a contracepção de emergência, levando muitas vezes ao uso incorreto⁶.

**Figura 6.** Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto à utilização dos métodos contraceptivos de emergência pelas entrevistadas. Fonte: Autores (2013).

Quanto a utilização dos métodos contraceptivos de emergência, 27 (75%) das alunas entrevistadas informaram não utilizar e 09 (25%) afirmaram fazer uso desse método.

Nos Estados Unidos, a *Food and Drug Administration* (FDA) rejeitou a venda da pílula de CE em farmácias, preocupada com o maior acesso a contracepção de emergência, que poderia levar a práticas sexuais inseguras e propagação de DST/AIDS; contudo, estudos realizados na Califórnia (EUA) mostraram que isso não ocorre e constataram que o preservativo continua sendo usado²⁶.

Deve-se lembrar que o uso adequado da contracepção de emergência, ao prevenir uma gravidez indesejada ou em caso de estupro, por consequência, evita um aborto, que pode trazer graves consequências à vida da mulher, assim como impede a gravidez em adolescentes, que em sua maioria não estão preparadas física e psicologicamente para tal. Porém, deve-se fazer o uso correto e consciente, juntamente com a educação sexual, a fim de prevenir o uso indiscriminado do método.

Tabela 6. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo o motivo que levou as entrevistadas a utilizarem os métodos contraceptivos de emergência.

Motivo que levou as entrevistadas a utilizarem os métodos contraceptivos de emergência	Nº	%
Relação sexual sem uso de anticonceptivo	6	66,6%
Violência sexual	0	0,0%
Falha conhecida do método	0	0,0%
Uso inadequado do anticonceptivo	3	33,3%
TOTAL	9	100%

Fonte: Autores (2013).

Na Tabela 6, foi perguntado o que levou as entrevistadas a utilizarem os métodos contraceptivos de emergência, e constatou-se um percentual de 66,6% (06) das alunas afirmaram que utilizaram esse método devido a relação sexual sem uso de anticonceptivo e 33,3% (03) relataram que utilizaram pelo uso inadequado do anticonceptivo já utilizado.

Podemos dizer que o uso da contracepção de emergência é muito válido, desde que feito corretamente, sendo assim, acreditamos, visto em diversos estudos, que há a necessidade de ampliação do conhecimento em relação à pílula de contracepção de emergência. É preciso um enfoque no uso correto e dos riscos envolvidos em seu uso abusivo, principalmente entre jovens, para que não “aprendam” nem recomendem seu uso incorreto entre seus colegas²⁷.

A contracepção de emergência tem um papel fundamental na redução do risco de gravidez entre essa população e, conseqüentemente, também na redução do nú-

mero de gestações indesejadas e abortos na adolescência. Ela permite dar suporte à passagem por essa etapa de aprendizado, reduzindo prejuízos no exercício da sexualidade.

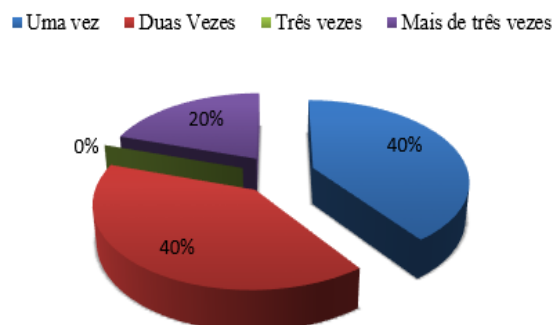


Figura 7. Distribuição dos dados por número e porcentagem segundo o número de vezes que utilizaram os métodos contraceptivos de emergência. **Fonte:** Autores (2013).

Na Figura 7, observa-se que 40% das alunas entrevistadas já utilizaram os métodos contraceptivos uma vez, enquanto que outras 40% disseram que já usaram duas vezes, e 20% responderam que já utilizaram mais de três vezes.

Em um estudo realizado com alunas de graduação de uma Universidade Pública na cidade de São Paulo, 44,9% das entrevistadas já tinham utilizado a contracepção de emergência, e aproximadamente metade dessas jovens repetiu o uso por mais de uma vez, o que é preocupante já que a pílula tem sua eficácia diminuída com o uso frequente²⁸.

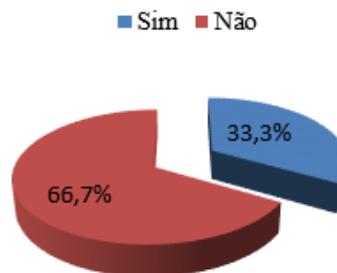


Figura 8. Distribuição dos dados por número e porcentagem quanto ao conhecimento sobre os efeitos colaterais que os métodos contraceptivos de emergência podem causar. **Fonte:** Autores (2013).

De acordo com o conhecimento sobre os efeitos colaterais que métodos contraceptivos de emergência podem causar a maioria que representa 66,7% (24) afirmaram não conhecer esses efeitos e 33,3% (12) responderam conhecer.

As falhas na utilização dos métodos contraceptivos de emergência decorrem tanto das dificuldades do uso das informações sobre sexualidade e contracepção, quanto de problemas comunicativos presente no ambi-

ente familiar.

Tabela 7. Distribuição dos dados por número e porcentagem sobre o que leva as pessoas a não utilizarem os métodos contraceptivos.

Motivo que levou as entrevistadas a não utilizarem os métodos contraceptivos	N	%
Solicitação do parceiro	10	27,7%
Desconforto	8	22,2%
A confiança do parceiro	11	30,6%
Diminuição do prazer	3	8,4%
Ausência do conhecimento	4	11,1%
TOTAL	36	100%

Fonte: Autores (2013).

Nesta Tabela 7, observa-se que 30,6% (11) das alunas entrevistadas acreditam que a confiança do parceiro é o principal motivo que as levam a não optarem pelos métodos contraceptivos.

Esta colocação das adolescentes é falha, pois deve ser pensado não só na confiança um do outro, mas na saúde e na relação sexual segura, não deixando de ressaltar que o sexo feminino é mais suscetível as DST's.

Outro ponto a ser considerado é que 27,7% (10) das estudantes referiram não usar o método por pedido do parceiro, 22,2% (08) responderam não utilizar devido ao desconforto, 11,1% (04) disseram não usar devido à ausência do conhecimento e 8,4% (03) afirmaram não usar devido à diminuição o prazer.

É importante lembrar que os métodos contraceptivos é um benefício dos dois, os mesmos devem agir com responsabilidade, usando os métodos como dupla proteção prevenindo as doenças e a gravidez indesejada.

Estudo realizado com mulheres que viviam em união estável demonstrou que o sentimento de segurança no casamento e da confiança no parceiro foram as explicações frequentes para a não utilização do preservativo, constituindo fator de vulnerabilidade para ambos²⁹.

4. CONCLUSÃO

O estudo mostra que apesar da tecnologia e da evolução cognitiva da espécie humana, ainda percebe-se um desencontro de informações das mulheres sobre os níveis contraceptivos, principalmente os de emergência. Contudo, nos proporcionou conhecimento a respeito do assunto, no qual pudemos acompanhar passo a passo o conhecimento das entrevistadas através de um questionário estruturado com perguntas fechadas. As informações obtidas fizeram perceber que a maioria das alunas

entrevistadas ainda não iniciaram suas relações sexuais e que a minoria não possui parceiro sexual fixo.

Analisa-se que 41,0% (41) das alunas entrevistadas demonstraram conhecer a definição do uso dos métodos contraceptivos; 22,0% (33) afirmaram adquirir informações através da televisão; 75,0% (27) afirmaram que ainda não utilizaram o método contraceptivo de emergência, e 66,7% (24) relataram que não possuem conhecimento sobre os efeitos colaterais que os métodos contraceptivos de emergência podem causar.

Apesar de informarem conhecer os métodos contraceptivos, grande parte não usam os métodos de maneira correta, facilitando a ocorrência de uma gravidez indesejada e a disseminação das DST's.

A revisão bibliográfica empreendida nos permitiu sintetizar que a orientação sexual é um trabalho educativo que se expande muito além do fornecimento de conhecimentos e informações, pois visa a conscientização do comportamento sexual e estabelece uma postura saudável e segura, resultando em indivíduos responsáveis frente à vida sexual.

Observou, portanto, a necessidade de aprimorar esse assunto em diversos espaços da comunidade, com o intuito de desenvolver a autonomia não só dos adolescentes, mas de todas as pessoas sobre o comportamento sexual. Deve ser direcionada uma maior atenção para a classe adolescente, amenizando assim suas dúvidas e promovendo o conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, inclusive os de emergência.

REFERÊNCIAS

- [01] Dahlke M, Dahlke R, Zahn, V. A saúde da mulher: significado, interpretação e perspectivas das doenças femininas. São Paulo: Cultrix, 2005; 397 p.
- [02] Freitas F. Rotinas em ginecologia. 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006; 584 p.
- [03] Espírito Santo DC, Tavares Neto J. A visão masculina sobre métodos contraceptivos em uma comunidade rural da Bahia, Brasil. Caderno de Saúde Pública. 2004; 20(2):479-87.
- [04] Brasil Ministério da Saúde. Métodos Contraceptivos. 2011. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/biblioteca>
- [05] Figueiredo R. Contracepção de Emergência no Brasil: necessidade, acesso e política nacional". Revista de Saúde Sexual e Reprodutiva, IPAS, Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ipas.org.br>.
- [06] Castro JF, Rodrigues VMCP. Conhecimentos e atitudes dos jovens face à contracepção de emergência. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo. 2009; 43(4).
- [07] Osório LC. Adolescente hoje. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- [08] Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ. Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 1600 p.
- [09] Pinto LA. Planejamento familiar, Generalidades, aspectos

- demográficos, políticos sociais. In: Tratado de Ginecologia. 1987; 1:309-407. São Paulo: Editora Rocca.
- [10] Osis MD. et al. Escolha de métodos contraceptivos entre usuários de um serviço público de saúde. Caderno de Saúde Pública. 2004; 20(6):1586-94.
- [11] Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Assistência em planejamento familiar: manual técnico. 4. ed. Brasília: Ministério da Saúde. 2002.
- [12] Martins LBM. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. Rev Saúde Pública. 2006; 40(1):57-64.
- [13] Espejo X, Tsunehiro MA, Osis MJD, Duarte GA, Bahamondes E L, Sousa MH. Adequação do conhecimento sobre métodos anticoncepcionais entre mulheres de Campinas. São Paulo. Rev. Saúde Pública. 2003; 37(5):583-90.
- [14] Brasil Ministério da Saúde. Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde. Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Caderno nº 3. Brasília (DF): MS; 2005.
- [15] Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- [16] Ricci SS, Azevedo MF. Enfermagem Materna-Neonatal e Saúde da Mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2008.
- [17] Berlofi LM. et al. Prevenção da Reincidência de Gravidez em Adolescentes: Efeitos de um Programa de Planejamento Familiar. Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo. 2006; 19(2):196-200.
- [18] Brandão ER, Heilbom ML. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. 2006; 22(7):1421-30.
- [19] Pesquisa: A voz dos adolescentes. Relatório da situação dos adolescentes brasileiros. Brasília, DF: 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/>
- [20] Almeida MC. et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. Rev. Saúde Pública. 2003; 37(5):566-75.
- [21] Mendonça RCM, Araújo TME. Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da universidade federal do Piauí. Esc. Anna Nery. Revista Enferm. 2009; 13(4):71-863.
- [22] Sousa LB, Fernandes JFP, Barroso MGT. Sexualidade na adolescência: análise da influencia de fatores culturais presentes no contexto familiar. Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo. 2006; 19(4):408-13.
- [23] Guimarães AMN, Vieira MJ, Palmeira JA. Informações dos Adolescentes sobre Métodos Anticoncepcionais. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto. 2003; 11(3):293-98.
- [24] Unicef. Relatório. Situação da Adolescência Brasileira. 2002. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/>
- [25] Kalkckmann S. et al. O diafragma como método contraceptivo: A experiência de usuárias de serviços públicos de saúde. Cadernos de Saúde Pública. 1997; 13:647-57.
- [26] Raine TR. et al. Direct access to emergency contraception through pharmacies and effect on unintended pregnancy and STI's. JAMA. 2005; 293(1):54-62.
- [27] Figueiredo R, Bastos S. Contracepção de emergência: atualização, abordagem, adoção e impactos em estratégia de DST/AIDS. São Paulo: Instituto de Saúde, 2008.
- [28] Bataglião EML, Mamede FV. Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem. Revista Escola Anna Nery. Rio de Janeiro. 2011; 15(2).
- [29] Giacomozzi AI, Camargo BV. Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da AIDS. Psicol Teor Prat. 2004; 6(1):31-44.